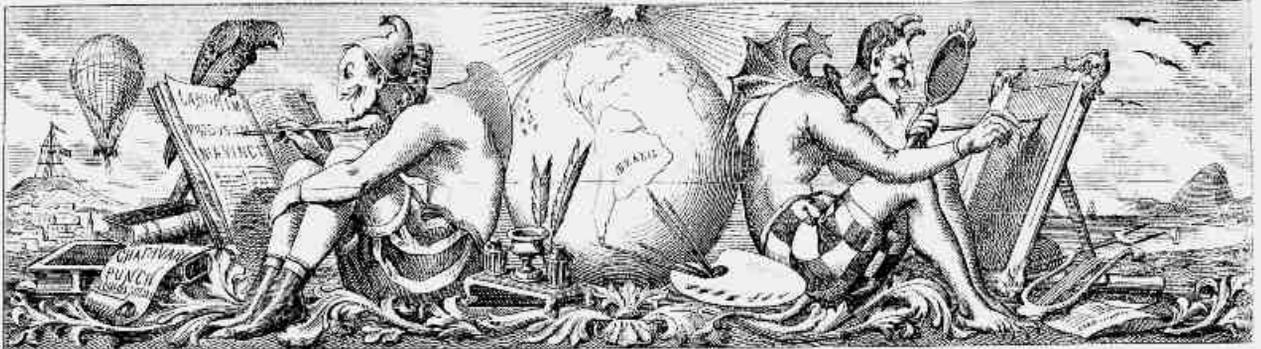


A COMEDIA SOCIAL

Anno 2

HEBDOMADARIO POPULAR SATIRICO

Nº 77



Advertencia

Rede-se a quem quer a abundancia de artigos em desenhos para a Comedia Social, em artigos de conselho ao a redacao. Rua do Rozario No. 43, L'audar, onde se recebem as assignaturas.

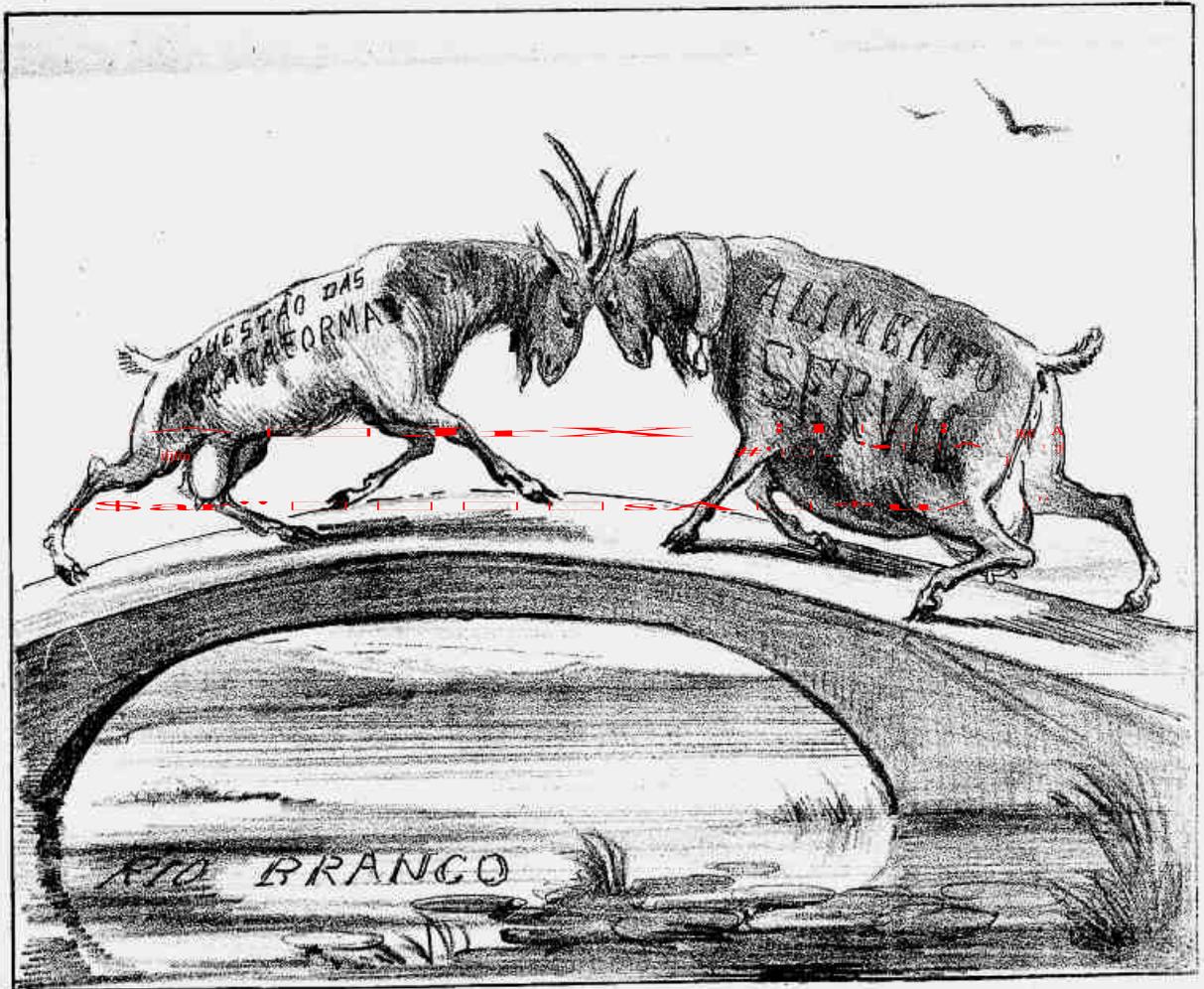
Preço das Assignaturas

CORTE E MITHEROHY		Para as Provincias	
Anno	840 00	Anno	1000 00
Semestre	450 00	Semestre	600 00
Numero Avulso	200		

Programma

A Comedia Social trata por suas paginas a educaçao do povo e sua regeneraçao phisica, intellectual e moral, recomenda seus direitos e obrigaçoes, expoz os vicios e defeitos da sociedade, e a maldade dos vicios e abusos que deturpam a nossa sociedade, da corrupçao, da dissociaçao, da maldade, da insidia, da insubordinaçao, da ignorancia e da chadulacione.

Em cada edição de bem e de mal. E assim sempre porisso fazotico o jornal de bem.



A COMEDIA SOCIAL

DIÁ DE JANEIRO, 20 DE JULHO DE 1871.

Uma vocação malhegata.

XVI.

(Conclusão)

N'esse mesmo dia Vicente veio à cidade com permissão do Mathews. Dirigiu-se à typographia do Journal do Commercio, e pediu que publicassem as suas produções. Grande, porém, foi o seu espanto, quando, em vez de receber, como esperava, uma avultada gratificação, um dos empregados annunciou-lhe ser necessário pagar duzentos réis por linha.

— Ao menos publicarem esta carta a Mariquinhas.

— Publica-se tudo, foi a resposta, mas é necessário pagar adiantado.

— Isto não tem gosto, gritou o Peroba enfurecido. E dizem que a imprensa é livre! Imprensa escrava e mil vezes escrava do dinheiro! Passes toda a noite a escrever, e eis ahí como são recompensados os meus esforços! Onde já se viu semelhante coisa!

Havendo desbarbado o seu furor e vindo a impassibilidade dos empregados do Journal, sahio Vicente resentido e desgostoso, e foi ao escriptorio de outra folha afin de ver se aceitavam a carta dirigida a Mariquinhas.

— A nossa folha não publica semelhantes coisas, respondeu desabridamente o administrador.

No escriptorio de um terceiro jornal, o gerente, ao ver o teor do Peroba, foi despedido logo sob pretexto que a folha só aceitava artigos politicos.

Na typographia de um quarto periodico declararam que só se publicavam os escriptos dos collaboradores do mesmo periodico.

Todas estas recusas eram acompanhadas de risadinhas sarcasticas e eram ditas em um tom de modo que offendia profundamente o Vicente.

Desconcertado e fatigado pelas caminhadas inuteis dadas n'esse dia, voltou para casa o Peroba, despeitado e com vontade de desbarbar-se de qualquer modo.

Ás portas de casa sahio-lhe ao encontro um caçulito que começou a ladear, a saltar e a querer fazer-lhe festas.

O agandeiro deu-lhe um formidavel pontapé, e tel-o-hin estrangulado, se tivesse podido pegal-o.

Ao encetar na sua morada, encontrou o Mathews mareante com um curvão na parede o numero dos frequentes do quem o Peroba devia n'esse dia ir cobrar dinheiro.

— Ah, só Mathews, sabe que mais? tornou-lhe azedamente o Vicente. Busque algum papa supportal. Não sirvo para isso.

E fazendo uma trouxa de tudo quanto possuía, sahio arrebatadamente pela porta fora.

O Mathews não mostrou o menor abalo. Desde algum tempo desgostavam-não completamente as maneias do Peroba, e foi com a maior flouguza que o viu ausentar-se.

O Fayalense foi pedir hospedagem n'uma casa que ficava perto.

A noite desse dia passou o Peroba em mil projectos. O malhegato da sua tentativa de ser escriptor de gazetas o fazia olhar com aversão entranhada para os homons de letras. Por alguns instantes teve a idea de ser vendedor de algum d'esses jornais burocraticos que abundam nas ruas d'esta cidade. Lembrou-se tambem de ser conductor em alguma compa-

nia de bonis; mas a recolhação de ter de gastar dinheiro em comprar um fato decente e a noção de serem severamente punidos n'essas companhias as falcatruas dos empregados, o fizeram mudar de resolução e decidir-se a ser moço da bandeira em alguma das mesmas companhias.

Depois de alguns dias conseguiu o malhegato obter o emprego desejado, e hoje é com a maior gallardia que o ex-aguadeiro empunha o pau da bandeira, quando vem approximar-se algum carro que é necessário fazer parar alguns momentos para evitar colisões com algum outro carro.

Fim.

RECADOS DOS AMIGOS

Epigrammas do Sr. Paulino.

1.º

A Kasse de cima a corrupção dos povos!...
Brasão Sayão f'um dia do amargura:
Promoção: gallo mello em cadadura,
Callito leze barba e vil na altura,
E hoje do ventre: fizes empolpa os ovos.

2.º

Só uma vez achou homem
Que me viscosse no tino!...
Foi, julgando do Sayão,
O proprietario Firmão.

3.º

Como é que Mello Moraes
Vem pelo parecer!...
Ninguém sabe... mas eu sei...
Papais velhos quer vender.

4.º

E o Duarte!... de filho
Primo!... e deixá-los assim!...
Oh Duarte da marinha,
Es da família a Cain!...

5.º

Aqui para nós... faz risola,
Ver compasso e Pedalga!...
E uma espózia de amphibia
Do tamanho do Sayão.

O alimento servil.

A magna questão (phraxe da moda) é tal e qual como a *Historia do Gil-Brez de Santalama*, uma escola do mundo.

Quem já mais viu contradança e miscelanea igual?...

O Sr. Visconde de Rio Branco, ministro no 16 de Julho, fica as avessas do que fora no 1870, organisando em 1871 o gabinete de 7 de Março.

O Sr. Basilio de Cotegipe larga a espingarda de escravagista, e arrega-se com a duríssima emancipadora do Sr. Pedigão Malheiro.

O Sr. Martinho de Campos põe-se de sentineilha no alto da serra, acenado com a espingarda do Sr. Cotegipe.

O Sr. Pedigão Malheiro carrega e faz dar fogo a pagar de artillaria escravocrata que era do Sr. Sayão Lobato.

O Sr. Sayão Lobato apparece de lança em riste, tocando por Dulcinea o ventee livre que aliás lhe causara honra e fúrias.

O ministerio pugna para um lado, os fazendeiros pugnam para outro...

E pugna que pugna não podem arrancar!...

No meio de toda essa moxidão o Sr. Visconde de Itaboraity, que é o Messias conservador, ainda não disse palavra.

Consta que se achu muito enleado.

O povo, que é animal eminentemente material, mudou já o nome á coisa, e agora em vez de chama-l-a *questão do elemento servil*, chama-a *questão do alimento servil*.

Porque?... por mim não sei; mas diz o animal material que no tribunal por onde com a demanda tanto se aperta do lado de cima, como se aperta do lado de baixo.

O conservatorio já acenou em acollido da agricultura...

Bem duvida!... se se aperta tanto do lado de baixo!...

Pois o mar não havia de pedir a palavra a favor dos rios?...

Os augustos e dignissimos assentes, e os augustos e dignissimos hesitantes já estão uns correndo, e os outros se declarando a favor do governo...

Outra vez bem duvida!... se se aperta tanto de cima!...

Pois os fillos acenas com esperança de tomarem a ser fillos não taviam de pronunciarem-se por seu papa?...

Ultimos telegrammas parlamentares:

A indolencia está do peão e cal, e de ferro e fogo decidido a favor do ministerio: o Sr. Mariano Pinheiro é quem a representa.

Se antes — idem: ministerias quando melhor quem as representa é o Sr. Dr. Meilo Moraes.

O Sr. Paulino queixava-se de que os culpados da *praxia* devota dos dissidentes são os Srs. Visconde de Itaboraity e Basilio de Muritiba, por não serem feitos elegar deputados mais sobrinhos e mais genros seus.

O nobre Visconde disse que já chorou:

— Eu estava muito enleado... e esperava que me forcassem a attender aos direitos dos mais sobrinhos...

O nobre Basilio exclamou:

— E eu... ah!... eu não tinha mais genros.

Por ora a magna questão ainda se acha em embrolho; mas já tem alimentado a farta a quem ainda não se desembrulhou.

E' claro que não me refiro ao Journal do Commercio.

POST-SCRIPTUM.

O conservatorio *destinatio* resolveu requerer ao ministerio que fizesse eliminar do parecer do Sr. Pinto de Campos certo periodo voluptuoso e lascivo relativamente aos affectos, sensações, etc., das mulheres escravas.

O gabinete reuniu-se-lhe em conselho para resolver.

Autos-sui generis.

Uma senhora maior de sessenta annos e ainda com pretensões a elegante, dizia a um seu sobrinho jovem e experta:

— Memm, não tomaremos a salír á rua sem teu tio...

— Porque?... agora é moda andarem as senhoras sem pai ou marido de guarda.

— Nada: homem em peralante ousou dizer-me certa liberdade inadmissivel!...

o não foi a primeira vez...

A moça observou:

— E' porque minha tin costuma levar aquelle seu vao comprido...

— Que queiras dizer, em?...

A jovem reparou que a velha corava, e disse logo:

— E' que... os véos são usados por todas... as classes... e quando ao véo acompanhia certa gentileza, e não se conhece a pessoa... ás vezes... os imprudentes... enganam-se.

— Ah!... talvez teinha razão.

As duas senhoras continuaram a salír soas a passeio; e a velha, que deixara de levar o seu véo, tomou uma unica vez mais tempo motivo de queixar-se de liberdades inadmissivias.

— Então, minha tia?... perguntava a moça.

— Realmente?... é palavra singular e inexplicável!... respondeu a sexagenaria elegante.

Mas passados quinze dias, em que houve pelo menos dez passagens, a velha apresentou-se prompta para subir.

— De vê-lo, minha tia!!! exclamou a moça.

— Ah, menina!... não posso mais resistir ao meu pudor!... não tanto a subir sem vê-lo.

Programma em verso do Sr. Paillone.

Sto! ou firme como um rochedo / No parafuso escaravata; / Mas isto é questão de tempo, / Chegando o rei, se desata... / E no entanto tenho carta / Eleição fácil... levata.

Chega o rei, e faz-se a couza; / Eis o facto consumado; / Respeito as leis do país, / E curvamo ao decretado... / E com fito ou sem elle / Sou ministro e deputado.

Dizei então coisas urgentes / Aos meus todos fazendeiros; / Falta-lhe de lençóis, e estovos / Moresos e traçoireiros... / E em fito me escutando, / Dizei conselhos articeiros...

Mas se ainda assim reputarem / Meu proceder longo e máo, / Em vão todos os fazendeiros / Me adivem pedras e pau, / Ufano aos pés da meu amo, / Direi aos todos: — tchau!...

Tomem nota do programma para rele-o em proximo, ou ao menos em muito ultimado futuro.

Podem estar certosissimas; o objectivo é o peiteiro.

OS AGUSTOS E DIGNISSIMOS

Cadê Vêta.

11 de Junho.

Sessão tempestuosa. Muitas ugrastros incantats ficam feridos pelas explosões do patriotismo e... do kerosene.

O Sr. BRIGAMIN explica a camara os amplicaxros mysterios do processo de chamarse um deputado á ordem.

O Sr. DUQUE ESTRELA Teixeira apresenta um requerimento contra o emprego de roilhas.

O Sr. BARÃO DA VILLA DA BARRA aprecia a proposta servil do governo sob o aspecto da sua incomparavel belleza.

Depois de um discurso do Sr. JAUQUEIRA, ardebram-se a sessão, dia 12.

O Sr. PEANGIÃO Malmanno diz que por alguns deputados levianos o orador foi taxado de incoherente (Signates de espanto). Sôta a maledicencia já chegada a esse ponto. E porque? Porque o procedimento do orador não está de accordo com os seus escriptos! Já se viu semelhante miseria? Parece que os taes senhores maldizentes não sabem que se está tratando de um negocio serio. O orador não pôde ser chamado a contas pelo que escreveu somente por caçoada. Aldm disse, as deixam as cousas no estado em que existem agora, a escravatura ha de acabar por si mesma em 20 annos, enquanto pela proposta do governo ha de levar 30 annos pelo menos para chegar a este resultado.

dia 13.

O Sr. MINISTRO DA AGRICULTURA mostra muita vontade de ser accusado. Provoquem a accusação os nobres dissidentes; se ouzarem, e verão como o governo saltará airosamente do negocio. O governo não faz caso dos dissidentes nem dos fazendeiros, porque conta com outro apoio. O Diario de Pernambuco sustenta a proposta do governo; logo o ministério está de accordo com a opinião publica.

O Sr. ESTRELA Sr. Santo achou-se cruelmente atormentado pelo fantasma do governo pessoal. Parolitando o Vasquez, o orador declarou a camara que como governo pessoal, habe governo pessoal, veste governo pessoal, ova governo pessoal, cheira governo pessoal e sentiu com governo pessoal.

Que é o governo pessoal? E' um ente immenso e mysterioso que pervade o espaço, que se ouve no zunido do vento, que levoja na tempestade e ao Sr. Sargento Lobato e que perssegue o orador sem di nem piedade. O governo pessoal sempre se manifesta por ultimas phrases. Sabem os nobres deputados que é uma ultima phrase? Uma ultima phrase é... ultima phrase.

O projecto dos ventos levoja a ultima phrase do governo pessoal, emfim qualquer coisa que incommoda o orador é uma ultima phrase. Ha muitas cousas que incommoam o orador, o ufo achar-se na Sibéria, por exemplo, outra ultima phrase do governo pessoal.

O crime e a lei são immos. Ora, estes immos são os pais do indecente e incoherente parafuso da commissão ad-hoc. Foi o orador que fez esta descoberta. Por isso escreveu palavras neste sentido no alto da pagina da folha official. Ficou muito satisfeito com esta vingança estrondosa.

A liberdade do ventre é iniqua; é peor; é ultima phrase do governo pessoal. Na liberdade á critica actual cheia de dedicatio e seccções. Um governo, que não fosse pessoal, libertaria esta nobre e respeitavel gerencia, deixando na escravatura os perigos pretendidos do futuro.

Em summa o orador dá ao Sr. Paranhos aquellas palavras de Milton:

« Im some punishment »

o que na lingua vernacula quer dizer que o orador não é qualquer João Fernandes.

O QUE VAI POR AHI

Rio, 20 de Julho.

— Ainda não está terminada a revolução; o Thiers e o Julio Favre não estão, de accordo sobre a sorte de Courbet...

— Ou Courbet! trata-se dos repulmentos vermelhos, e estes ja abastaram a bandeira tricolor...

— Não ha dúvida, mas é necessario que a philosophia social... porque cada século, como sabes, tem a sua philosophia; é necessario que a philosophia social triunphe, e que, segundo a phrase profunda de Prud'hom, os ladroses e os prostituídos restaurem os seus direitos desconhecidos...

Esta amonificadora conversação, curtosissimos leitões, decidissimos homens a deixar o delirio; bairro vermelho, —Bôth estava extasiado a observar de longe um nuvem de urubus escurissimos, —pára vir no bond de S. Christovão até o largo de S. Francisco, afim de ver se encontrava o noticiis da guerra.

Com effeito, tomou o bond e partiu, até que ao chegar ao campo de Sant'Aem como um grito e veio correndo muitos negros de tronco de roupa na cabeça, seguidos de uma inextinguivel multidão de molques.

— Ah, ah! continuavam.

— Eo bond sempre caminhando.

Alfând, quando eu chegava á rua da Constituição, um bando de pernalticos atravessou-me por diante do carro e infirmos ao cocheiro que passasse.

Parou; parou; paratis todos.

— Estô pego! disse-me um agente.

— E, senhor? perguntaria-lhe o pique?

— Não, tanto que ha dar satisficções, seu maluco!

— Meus! e sentiu se enganar.

— Deixei ver esse pistolo; você não o aquillo que ha pouco suicidou-se com um tiro de pistolo na cabeça, ali ántes do theatro lyrico?

— Qual, senhor; está enganado; eu venho de S. Christovão...; estou penitente até ao pé?

— Deixei ver dentro do chapéo! Mostre-lhe o chapéo, e foi estro que pude escapar-me, fazendo ao meu agente uma profunda cortezia, e deixando eu com os meus botões.

— Ora, senhores, não seria melhor que a policia fosse tratar de cousas mais sérias?

O que podem se tomar digno de reparo é o grande desentendimento que tem tomado nestes ultimos tempos a mania do suicidio. Os diários estão cheios de noticiis horrorosas a tal respeito.

« Um respeitavel ancão do Macaco, » diz um jornal daquelle localidade, « querendo correr um dolo no pé esquerdo, zangou-se a ponto de morrer a faca até o pescoço. Não contentes de decidir o corpo em duas metades, o infeliz foi depois atirado-se em rio, donde acolta de ser devorado pelas caracigas. »

« Um rico fazendeiro de Macaco, » diz outro jornal igualmente acollido, « lendo um artigo da Reforma em que se dizia que se suicidara o ministro, correu logo a atirar-se de janela; e ao foi salvo por uma tropa de burros que passava, e que casualmente amontecera a chamma do gazolim. »

« Um certo fidalgo do tal, agendo de intencional, querendo pagar que em apressado pelo deusa italiana, acaba de suicidar-se com um tiro de revolver na cabeça, escollindo para theatro de tão horroros attendido os fudros do theatro lyrico. »

Etc., etc., etc.

Do modo que estamos em plena peste de suicidios, é para admirar, porque cada pessoa tem sua mania, seu traço característico, e pode ser que o suicidio seja o traço característico da nossa época.

E porque não?

A letra foi, a doença geral das duas montanhas, como o amido hoje das tres serras.

Como gagueo horrivelmente durante a idade média, e succediu as allegias nervosas de todo o genero durante o estabelecimento do christianismo em Roma e em Byzancio.

Mas assim como as doenças do pelle foram a consequencia natural do modo de viver que se dava ao corpo, no tempo em que a vida mais perfidia em monastica assim também os tempos modernos chamados —renascimento—, em que os poetas dos anigos e dos novos continentes foram posses em contacto, deixaram ter sua moléstia particular.

E com effeito, a doença do amor, do amor que, em a antiguidade ao pensamento moderno, do amor que aproxima todos os povos dominados estabeleceram um como hen especial entre o velho continente europeo e a nova America, devia ser, o como effeito o foi, a doença caracteristica do renascimento.

Agora, pois, que cada recommendado fuma, cada crânio fide em politica, cada estudante quer ser ministro, e cada ministro quer reformar a eschola, é muito natural que, consequentemente de si mesma, a humanidade em geral se queira suicidar.

Tais eram as profundissimas cogitações que me agitavam o império das ideias, quando, já apeliado do bond, veio um grande ajuntamento na eschola da rua do Orvidor.

« Como e ma approssimo: o que será? Será a decisão do mesmo question de platão, que inquieto de tal sorte o respectivo al puzido? »

Seu algum demagogo amantissimo, que o ministério do Rio Branco acaba de dar uma chuppa decisiva no elemento servil?

Serão ja os internacionaes reunidos, que, cheios de ardor pela igualdade e pela fraternidade universal, começam a dritar fogo á folha do papel?

Ou será, ao contrario, o venditório progresso applicando algum effeito embebebo no primitivo abortio da mania assaz desentada ventos livre?

Nada disso era.

Enfim todos os litteratos da terra, todos os poetas, todos os oradores, todos os dramaturgos, todos os escriptores da nossa patria analysando a belleza, a graça, a suavidade, a melodia, o arrojio, a pureza, a sublimidade do meu espirito, que acabava de dar Ernesto Rossi!

E que a mortidão ama a arte apaixonadamente!

THUABORA.

A PEDIDO

Sociedade militar — Protec-tora dos orphãos.

No dia 23 do corrente, pelas 9 hozas da manhã, deve ter lugar no salão do theatro de S. Pedro a reunião geral para constituir-se esta associação, proposta pelo Major Graduado Joaquim Antonio Ferreira da Cunha e autorisado pelo Excm. Sr. Ministro da Guerra.

Seu fim é instituir nesta côrte duas internittos para educação gratuita dos filhos e filhas dos militares e voluntários, mortos no Paraguay, cujas familias ficam com poucos recursos, para subsistencia, e dos filhos e filhas dos membros della, que fallecerem, deixando suas familias nessas circumstancias.

A sociedade deve ser composta de officiaes do Exército e Armada, effectivos, reformados e honorarios, dos empregados civis e officinaes das classes annexas ás repartições da Guerra e Marinha, dos officiaes da Guarda Nacional e dos corpos de policia, que o desejarem.

O Major Ferreira da Cunha pede desculpa aos Srs. membros das corporações acima ditas, que por ventura não tenham sido convidados especialmente e lhes roga o seu compaeccimento á reunião geral.



Em França.

Effeito produzido por um quadro de Courbet sobre a ardente imaginação dos cães de Paris.



Casamento político no Brazil.

— Mas, mamãe, meu noivo não mandará do opiatão?
 — Não, Mãezão, estigitou-se ao contrato, que elle se obrigara a pertencer sempre ao partido que estivesse de cima.



Nas Ilhas Britanicas.

— Ai, né, né, né, ai! modo que modo de mim está ficando magra segunda vez!..